



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

II Domingo de Mateus



«Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram».

O evangelho de hoje nos relata o chamado dos primeiros discípulos. O relato é lacônico, sem muitos detalhes: Cristo-Messias chama e os quatro homens «**imediatamente**» deixam tudo o que estão fazendo e O seguem.

Sem dúvida, para um sacerdote, a perícopé evangélica em questão tem um significado particular, já que, de alguma forma, ele se identifica com este chamado e, claro, vê na resposta dos apóstolos a sua própria.

No entanto, o chamado não é apenas para aqueles que devem cumprir o ministério apostólico. Claro, os «destinados» a seguir «voluntariamente» - vale o oximoro - esta missão escutam a voz de uma maneira especial. Mas a «VOZ» - o «**chamado**» é para todos. A diferença é **operativa-hierárquica**, ou seja, quanto ao «**princípio-ordem**» **divino operante** que se diversifica nos homens tal como indica o apóstolo: *«E ele mesmo constituiu alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a estatura da plenitude de Cristo» (Ef 4:11-13).*

Pelo que, interpreta-se que cada membro deste corpo que ouve a voz e percebe este «**segue-me**» tem uma missão específica e única. E quando falo de «corpo» refiro-me evidentemente à Igreja, mas não só a Igreja como instituição, **senão como toda a criação**. A este respeito N. Matsoukas diz que *«desde o princípio do mundo existe a Igreja, prefigurada através do Verbo na Santíssima Trindade. Esta prefiguração baseada nas razões criativas constitui a expressão mais alta de todo o universo (Ef 1:3-4; Hb*

12: 22-23). *A Igreja como criação é algo eminentemente universal: é a própria criação. Nós, aqueles destinados desde a criação do mundo, aqui na Igreja de Cristo combatente e triunfante, vivemos somente um sinal da revelação deste Mistério e, portanto, como membros fiéis do corpo eclesial, devemos suprema gratidão ao Deus que dá vida»¹.*

Essa universalidade, que é própria da Igreja, é necessariamente intrínseca ao chamado. O «**segue-me**» - mais uma vez ênfase - não é um chamado endereçado apenas aos futuros ministros da instituição, mas a todos aqueles que fazem parte «*desde o início dos séculos*» do corpo, da Igreja, isto é, de toda a criação. Simplesmente o «**segue-me**» é infinitamente diversificado como os dons do Espírito de acordo com a receptividade e a missão de cada um de nós neste organismo vivo e em constante evolução chamado Igreja: «*(...), seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a cabeça, Cristo, cujo corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma de suas partes, realiza seu crescimento para sua própria edificação no amor*» (Ef 4:15,16).

O chamado se dá na cotidianidade da vida. Recordemos que as «*teosemias*» - os *signos-sinais* divinos - ocorrem através da contingência criada para que possamos receber operações divinas ao longo de nossa existência. A chave é nossa **disponibilidade** e nossa **atitude**. Os quatro homens do relato evangélico deixaram «**imediatamente**» tudo para segui-Lo. É isso o que tanto buscavam? É isso o que tanto desejavam? Que tipo de sedução operou Jesus para provocar tal resposta? A perícopa evangélica não nos dá nenhuma chave para responder a esse ou tantos outros questionamentos que surgem de um relato que, à primeira vista, pareceria mitológico a alguns, a outros, alegórico. Para nós é verídico.

A «**predisposição**», a «**imediatez**» e o «**desprendimento**» desses quatro homens ressoa mais uma vez em minha mente - e, claro, em meu coração. Sem saber, esses pescadores estão trazendo à realidade o futuro convite de Jesus dirigido a todos os homens: «*Se alguém quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome sua cruz, e siga-me*» (Mt 16:24).

A natureza lacônica do relato exalta ainda mais essa **desafeição** - que não é tédio - por sua própria vida e essa **prontidão** para abraçar outra, desconhecida, misteriosa, enigmática. A narrativa evangélica mostra que não há nada mais do que o convite, e a análoga resposta. Não sabemos se houve um diálogo prévio, nem seu conteúdo. Basta sabermos que, de repente, Deus

¹ N. MATSOUKAS, *Teologia Ecumênica. Exposição da fé cristã. Pressupostos de um diálogo ecumênico*, Kyriakidis, Tessalônica 2016, p. 247.

aparece e convida, chama, exorta. E que esses quatro pescadores imediatamente deixam tudo e O seguem. Não sabemos se houve promessas, negociações ou condições: basta saber que os quatro rejeitaram qualquer outra coisa e adotaram outro *modus vivendi*. Então, sem mais; sem nada mais que se interpusesse.

Isso é o que Deus quer que saibamos: que **de repente Se apresenta e chama**. Enquanto levamos - ou cremos levar - nossas vidas sob controle, Ele está **constantemente** se apresentando e convidando: basta que abramos nossos corações e adquiramos essa disposição dos pescadores. Claro que, se decidimos fechar nossa receptividade, então o chamado nunca será recebido, não se dará jamais o contato que sugere esta convocação.

Sem dúvida que o convite é um desafio: pois, quem quer deixar a segurança do que (se) tem, do que (se) é, e embarcar em uma empresa cujo destino é pelo menos incerto? Quem aceita rejeitar o que lhe é próprio e conhecido e abandonar-se para o desconhecido e alheio? Como desapegar do que dá segurança existencial: *status* econômico, profissional, social, familiar?

E eu me pergunto: O que realmente é o incerto? Tudo o que me dá segurança psicológica é realmente seguro e imprescindível? O que é essencial? Como está elaborada e executada a avaliação hierárquica e axiológica que funciona como um guia-eixo existencial na minha vida? E, quando falo de avaliação axiológica não me refiro a uma mera escala moralista - ou ao seu oposto. A questão vai além da ética. Refiro-me à axiologia existencial, ao próprio decálogo pelo qual me oriento para pensar, sentir e agir.

E fico me questionando: sei mesmo de onde e para onde minha vida vai se moldando e acontecendo em cada nível do que tenho consciência? Tenho autopercepção/consciência dos meus pensamentos, sensações, sentimentos e ações? Até onde?

E, ainda mais importante: estou interessado em todo esse questionamento, ou é suficiente para mim que a vida seja um contínuo automatismo decretado e imposto pelas variantes que me dão segurança e prazer sem as quais (já) não posso viver?

Então isso me leva à última pergunta: neste contexto, sou realmente livre? Sou auto soberano de toda a minha existência? Até onde, então, minha humanidade?

Obviamente, os quatro pescadores dão claras provas de sua liberdade. É que, embora a liberdade - ou melhor, a auto soberania αὐτεξούσιον - seja um atributo pré-existente na natureza humana, sua execução implica um certo exercício da vontade; mas a vontade pode ser submetida a um automatismo que a suplanta, a deteriora e a degenera em prol de uma suposta segurança que parece validá-la e justificá-la. É o *oximoro* da natureza (caída) do homem.

O relato de hoje se contrapõe àquele do jovem (Mt 19: 16-30) que vai ao encontro de Jesus e pergunta: «... *que farei de bom para ter a vida eterna?*» O mesmo Jesus que chama os quatro pescadores lhe responde de acordo com as Escrituras, enquanto o jovem contesta que tudo o que está relacionado à lei ele o cumpre desde o princípio. O Nazareno conclui dizendo: «*Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me*». O jovem se afasta desiludido porque era rico. De onde surge o famoso *apoteagma*: «*É mais fácil passar um camelo pelo fio de uma agulha, do que um rico entrar no reino de Deus*».

Não é que Jesus critique as riquezas, mas que condena o apego a elas e a qualquer situação criada - contingente - a que o homem se submete. Observa-se, desta forma, uma intuição axiológica inversa. O homem, submetendo-se a si mesmo e às coisas criadas, perde a potestade que lhe é dada pelo próprio Deus desde o princípio. Agora tudo o que supostamente lhe dá segurança, na realidade o escraviza.

Os quatro pescadores se mostram, em primeira instância, alheios a essa escravidão e seguem a Deus. Este é o princípio. Logo começam outro processo ainda mais profundo de libertação de si mesmos, à medida que o divino apocalipse vai sendo incrementado e vai purificando e aperfeiçoando-os. **O resultado:** ser semelhanças vivas do Proclamado; ***ser por graça, o que Ele é por natureza:***

Eu te seguirei, Senhor, enquanto eu viver;
escutando-te ou não;
vendo-te ou não,
em plena ignorância
ou na revelação;
em minha debilidade
e em tua graça,
e na des-graça
- ainda na morte -
também te seguirei.

Já nada sou, senão o seguir-te a ti,
Hoje, e cada dia; e cada hora;
deixando-me a mim, por detrás,
posto que, mesmo quando me desencaminho
seguindo-te eu continuo;
na enfermidade
e quando a fé deságua
da perda na angústia:
Eu ainda te sigo.

Porque enquanto eu te seguir, eu entendo
que quem me segue é realmente você:
meus passos são seus;
minhas pegadas seguem;
sua sombra evoca quem eu estou sendo;
um só do jeito;
um e único andando:
só você que anda, aquele que segue,
o caminho, o passo, a pegada,
aquele que chega, aquele que recebe,
- a coordenada-,
e, finalmente, quem em Si mesmo me carrega,
já a estrada concluída
ainda assim te sigo.

Porque enquanto te sigo compreendo
que quem me segue na realidade és Tu:
meus passos são teus passos;
meus rastros sigo;
tua sombra evoca quem estou sendo;
um só o caminho;
um e único o caminhar:
só Tu, o que caminha, o que segue,
a senda, o passo, o rastro,
o que chega, o que recebe,
- a coordenada -,
e, por fim, quem em Si mesmo me carrega,
já o caminho concluído
e ainda por começar.